



NOBEL DA PAZ

Comitê Norueguês premia a organização japonesa Nihon Hidankyo, formada por sobreviventes da bomba atômica de Hiroshima e Nagasaki, por seus esforços em prol da não proliferação. Filhos de hibakushas no Brasil falam ao **Correio**

Um basta para os arsenais nucleares

» RODRIGO CRAVEIRO

Depois de uma espera de 39 anos, quando a candidatura foi enviada a Oslo, o Comitê Norueguês do Nobel concedeu o Prêmio Nobel da Paz à organização não governamental japonesa Nihon Hidankyo. “Este movimento popular de sobreviventes da bomba atômica de Hiroshima e Nagasaki, também conhecido como Hibakusha, está recebendo o Prêmio da Paz por seus esforços para alcançar um mundo livre de armas nucleares e por demonstrar, por meio de depoimentos de testemunhas, que as armas nucleares nunca mais devem ser usadas”, declarou o Comitê. Segundo o comunicado, o trabalho incansável da Hidankyo, fundada em 1956, levou ao estabelecimento de uma norma internacional poderosa, o “tabu nuclear,” estigmatizando o uso de armas atômicas como algo moralmente inaceitável.

“Nunca sonhei que isso pudesse ocorrer”, declarou Tomoyuki Mimaki, copresidente da Nihon Hidankyo, durante entrevista em Tóquio. Ele comparou o cenário de destruição após os ataques israelenses ao território palestino. “Em Gaza, (os pais) tomam em seus braços as crianças ensanguentadas. É como no Japão há 80 anos”, lamentou Mimaki. Ele teme que o arsenal atômico possa ser novamente utilizado e desencadear uma reação em cadeia. “Se a Rússia usar as armas contra a Ucrânia, ou Israel contra Gaza, não terminará aí. Os políticos deveriam saber disso.” Jørgen Watne Frydnes, presidente do Comitê Norueguês, disse que o prêmio se concentra na necessidade de defender o veto nuclear. “Todos nós temos uma responsabilidade, especialmente as potências nucleares”, alertou.

O Ministério das Relações Exteriores do Brasil felicitou a Nihon Hidankyo pelo Nobel da Paz e destacou que ela “colabora para a conscientização sobre as catastróficas consequências humanitárias advindas do uso de armas atômicas”. “O papel desempenhado (por ela)

Philip Fong/AFP



Japoneses liberam lanternas de papel no Rio Motoyasu, diante do prédio do Salão de Promoção Industrial da Prefeitura de Hiroshima, preservado desde a época da explosão

AFP



O mesmo domo acima, um mês após o bombardeio: símbolo do horror

reforça a importância do desarmamento nuclear. Em contexto de deterioração da segurança internacional, (...) os países nuclearmente armados têm levado a cabo a modernização de seus arsenais, o que não contribui para a promoção da paz e da segurança internacionais”, afirmou o Itamaraty. “O Brasil reafirma seu compromisso constitucional com o uso exclusivamente pacífico da energia nuclear.”

Falecido em 12 de agosto passado, aos 100 anos, Takashi Morita,

sobrevivente do ataque a Hiroshima, ficaria feliz com o Nobel para a Nihon Hidankyo. É o que garante ao **Correio** Yasuko Saito, 77, filha de Takashi, fundadora da Associação Hibakusha Brasil pela Paz, sediada em São Paulo e dissolvida depois da pandemia. “Seria o reconhecimento da sociedade para uma entidade que sempre se preocupou em eliminar o perigo das armas nucleares para a humanidade”, explicou Yasuko, cuja mãe, Ayako, também escapou da explosão.

AFP



Tomoyuki Mimaki: “Nunca sonhei que isso pudesse ocorrer”

Nascida dois anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial, Yasuko disse que a Hidankyo surgiu com os objetivos de divulgar os horrores da detonação da bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki e dar assistência aos sobreviventes. “A importância do Nobel é grande, principalmente quando a reutilização de armas nucleares está muito próxima. Infelizmente, o ser humano repete os erros. O desejo de todos os sobreviventes é o de que nunca mais ocorra isso na

face da Terra. As armas nucleares acabarão destruindo a humanidade”, advertiu Yasuko.

Ainda de acordo com ela, a Associação Hibakusha Brasil pela Paz recebeu ajuda da Nihon Hidankyo. “Ficamos muito felizes porque, finalmente, a Hidankyo foi reconhecida. Desde sua fundação, ela tenta eliminar as armas nucleares. O problema desse armamento é o fato de deixar resíduos nocivos a todos os seres humanos e à natureza”, disse Yasuko. “Meu pai foi vítima.”

Eu acho...

Arquivo pessoal



“O Nobel dá muita força para continuar o movimento pela paz mundial. Temos muitos loucos ditadores. A situação é perigosa na Ucrânia. O Japão tem as ameaças da China e da Coreia do Norte. Sem falar no Oriente Médio. Que Hiroshima e Nagasaki nunca mais se repitam. Infelizmente, a explosão nuclear pode ocorrer em qualquer lugar do planeta.”

Masao Okawa, 83 anos, marceneiro, morador de São Paulo, filho de um sobrevivente de Nagasaki

Takashi Morita contou à reportagem, em 2005, que tinha 22 anos quando a bomba foi lançada sobre Hiroshima, cidade onde nasceu, às 8h15 de 6 de agosto de 1945. “Apenas vi uma bola de fogo e tudo ficou muito quente. Fui arremessado a uns dez metros e desmaiei. Quando acordei, levantei a cabeça e vi que tudo havia sido queimado. Estava escuro e as casas ficaram em ruínas. Nunca me esquecerei das crianças gritando ‘Mãe!’ e das pessoas pedindo água ou implorando por socorro. A cidade virou um inferno”, afirmou o hibakusha.

Em entrevista ao **Correio**, o também japonês Masao Okawa, 83, morador de São Paulo e filho de um hibakusha, relatou que morava em uma ilha, a 110km de Nagasaki. “Meu pai tinha família na cidade e foi procurar os parentes. Tudo o que achou foram duas crianças. O restante dos familiares morreu. Ele teve que ajudar a carregar cadáveres para serem incinerados. Por isso, recebeu radiação no corpo inteiro e faleceu com sarcoma.” Ele defende que as armas nucleares jamais voltem a ser usadas, mesmo em testes.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Linha cruzada entre urnas e armas

A 23 dias da votação, a eleição presidencial nos EUA começa a dominar as atenções e o noticiário internacional, como de costume. Neste ano, porém, a reta final da corrida pela Casa Branca se enrosca com o desenrolar dos conflitos no Oriente Médio e na Ucrânia, em um cenário curioso no qual as influências se cruzam em mão dupla.

A vice-presidente Kamala Harris e o desafiante republicano Donald Trump acompanham de perto os próximos movimentos do premiê israelense, Benjamin Netanyahu, assim como dos líderes do Hezbollah libanês e do Hamas palestino, sem falar no regime islâmico do Irã. Netanyahu, especialmente, faz seus cálculos consciente de que não lhe faltará a retaguarda militar e diplomática de Washington.

Seus adversários, porém, tomam em conta que o envolvimento direto de forças americanas em uma guerra regional terá implicações incontornáveis sobre o

processo eleitoral. Será o cenário de pesadelo para o presidente Joe Biden, que se equilibra entre os deveres dos últimos meses de mandato e o empenho para fazer a sucessora.

Antes e depois

Se até a noite de 5 de novembro a disputa acirrada entre Kamala e Trump condiciona, até certo ponto, o andamento do conflito no Oriente, isso se deve às diferenças na abordagem de uma e outro para a questão. Como candidata, a vice democrata cuida de não perder votos na comunidade judaica — eles podem ser decisivos em um estado como a Flórida. De outro lado, busca sintonia com o eleitorado jovem, que tende à solidariedade com os palestinos e protagonizou protestos contra a ofensiva israelense na Faixa de Gaza.

O desfecho da corrida terá incidência direta no desenrolar do confronto entre

Israel e o “eixo da resistência”, encabeçado por Teerã. A vitória de Trump dá a Netanyahu a certeza de contar com um aliado e amigo na Casa Branca pelos próximos quatro anos. Com Kamala, a aliança estratégica com Israel não estará em questão, mas é uma incógnita como será sua relação com o premiê israelense — e o quanto poderá intervir com o propósito de conter a escalada de violência.

O filho é teu

É distinta a dinâmica entre a eleição nos EUA e a situação na Ucrânia, onde a guerra com a Rússia marcha para completar três anos em fevereiro, quando o próximo titular da Casa Branca estará cumprindo o segundo mês de mandato. Os seguidos pacotes bilionários de ajuda militar ao governo de Volodymyr Zelensky sofreram pesado ataque de Trump, mas, embora

impopular, o envolvimento no conflito não chega a comprometer as chances da candidata governista.

Pela perspectiva de Zelensky, no entanto, o resultado das urnas poderá pesar, no caso de vitória do magnata republicano. Trump deu reiteradas indicações de que passará a conta da guerra para os aliados da Otan. Ao contrário da maneira como se coloca sobre o Oriente Médio, Trump considera a Ucrânia como um problema da Europa. E, como fez quando ocupou a presidência, entre 2017 e 2021, vai cobrar dos parceiros maior compromisso com os gastos da aliança.

Malvado favorito

Se os governos europeus veem em Vladimir Putin a ameaça concreta e imediata, o candidato presidencial da oposição republicana tem outro vilão de preferência. Novamente fazendo eco à política externa da sua administração, Trump opta pela distensão com o Kremlin para concentrar esforços na disputa pela liderança global com a China de Xi Jinping.

Os quatro anos de mandato de Biden coincidem com a expansão da influência do regime comunista de Pequim, não apenas no terreno econômico, mas também no campo diplomático e militar. Nos últimos meses, a capital chinesa foi palco de importantes iniciativas voltadas para os dois conflitos que ameaçam a segurança mundial.

Quanto à Ucrânia, China e Brasil lançaram um plano de paz, exposto formalmente agora, durante a assembleia geral da ONU. Em relação ao Oriente Médio, a diplomacia chinesa patrocinou um encontro em que diferentes facções políticas e militares palestinas selaram um acordo para a governança da Faixa de Gaza, uma vez encerrada a ofensiva militar de Israel contra o Hamas.

Nos últimos dias, passaram quase despercebidos os receios manifestados por autoridades militares ocidentais e asiáticas com a presença da Marinha chinesa em uma base militar no Camboja. A instalação está sendo ampliada, com apoio de Pequim, e terá futuramente capacidade para abrigar os maiores porta-aviões da nova potência global.